

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:

História, trabalho e cidadania

Organizadores:

Francisco das Chagas Souza (Instituto Federal do Rio Grande do Norte)
chagas.souza@ifrn.edu.br

José António Martin Moreno Afonso (Universidade do Minho)
jafonso@ie.uminho.pt

Renato Marinho (Instituto Federal do Rio Grande do Norte)
renato.marinho@ifrn.edu.br

O trabalho, numa perspectiva sócio-histórica, pode ser analisado em sua dimensão social, econômica e/ou cultural, mas também como ato técnico, com valorização econômica e inscrito numa organização social. Variados são os sentidos dados ao trabalho em distintos tempos, espaços e sociedades, como a relevância que foi conquistando como campo de reflexão científica que vai desde a Economia até a Sociologia, passando pela Antropologia, a Física e a Biologia, por exemplo.

Pela narrativa bíblica, “em todo trabalho há proveito”; no portão do campo de concentração de Auschwitz, judeus, negros, ciganos e homossexuais deparavam-se com a frase atroz “o trabalho liberta”.

Na perspectiva marxista, o trabalho é visto como elemento de exploração e acumulação de riqueza por parte dos que detêm o capital, associado a um processo de alienação dos operários. Por diferentes olhares, do Marxismo à História Cultural, o trabalho é também entendido e interpretado como elemento constituinte de identidades coletivas e individuais, experiência sensorial e corporal, ou seja, como vetor cardinal de socialização e integração social, estando muitas vezes implícita nessas construções identitárias as variadas noções de cidadania, ilustradas pelas lutas em prol da igualdade e emancipação dos grupos sociais e profissionais contra as discriminações (origem social, sexo, idade, entre outras) e as desigualdades.

Na Inglaterra dos séculos XVII e XIX, as casas de trabalho (*Workhouses*) visavam educar pelo trabalho – trabalho forçado – com o argumento de transformar em cidadãos o

que a legislação vigente definia como vadios. Segundo Engels (2010, p. 318), “A organização dessas casas – que o povo designa como as bastilhas da lei sobre os pobres (*poor-law bastiles*) – é tal que dissuade qualquer um que pretenda sobreviver apelando para essa forma de assistência” (ENGELS, 2010).

No Brasil do início do século XX, após séculos de escravidão, a República busca trazer um “ar” de modernização e educar pelo/para o trabalho era visto também, pelos grupos dirigentes, como caminho para transformar uma massa de homens e mulheres tendentes ao mundo dos vícios, dos crimes e da vadiagem em cidadãos e cidadãs úteis à nação. É com esse fim que foram criadas as Escolas de Aprendizes Artífices, em 1909. *Pari passu* a tal processo, ocorria, em São Paulo, a criação das Escolas Modernas pelos trabalhadores anarquistas, em contraposição ao modelo de educação ofertado pelo Estado.

No contexto de uma história global e conectada, urge problematizar as dimensões que permitam compreender a inserção do trabalho enquanto suporte dos direitos, realização pessoal, meio de produção e questão social crucial para os equilíbrios dos Estados modernos. Com esse fim, neste dossiê, reunimos treze artigos escritos por pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e de Portugal, a maioria dos quais estão vinculados a Programas de Pós-graduação que pensam o trabalho em uma perspectiva sócio-histórica.

São produções que abordam injustiças, obsessões e mitos que erigiram as falácias do progresso e do crescimento econômico, fazendo jus a uma intuição de Marc Bloch: “La nature de notre entendement le porte beaucoup moins à vouloir savoir qu’à comprendre”¹.

Os artigos selecionados abordam historicamente a categoria *Trabalho*, numa diversidade de espaços e tempos que nos leva da Inglaterra oitocentista ao Brasil do século XXI. Múltiplas também são as perspectivas e abordagens adotadas em relação aos objetos de pesquisa. Há assim, por exemplo, artigos que tomam como base metodológica o materialismo histórico-dialético, e outros que destacam os conceitos foucaultianos para compreender a constituição do poder disciplinar e a tentativa de docilização de corpos sujeitados a essa disciplina.

¹ Em tradução livre, “a natureza de nosso entendimento o leva muito menos a querer saber do que a querer compreender” (BLOCH, 1952, p. 9).

Tendo em consideração essa diversidade de olhares, os artigos selecionados para esse dossiê foram divididos em dois blocos: o primeiro é denominado por nós de *Trabalho, disciplina e resistências*. Neste bloco estão os seguintes textos: *Um arremedo de penitenciária: trabalho e punição na Cadeia Pública de Fortaleza (1850 - 1889)*; *Canteiro de obras: Operários, engenheiros e tensões na construção civil (décadas 1880 e 1890)*; *Dupla clausura: os discursos disciplinares e a imanência do trabalho como construção da identidade das mulheres reclusas portuguesas*; *Alterações na morfologia do trabalho na Inglaterra e suas consequências políticas: reformismo e questão de gênero, do pós-cartismo à fundação do Partido Trabalhista*; *Anarquismo e Educação em São Paulo em princípios do século XX: a criação das escolas modernas 1 e 2*; *Os projetos capital e trabalho no processo de elaboração da LDB: recuperação histórica da luta de classe sob o capitalismo dependente*; e *Quando a sociedade resiste à liberdade: a longa luta das empregadas domésticas por Direitos Trabalhistas no Brasil*.

Ao passo que os três primeiros apresentam e discutem espaços – penitenciárias ou um usual canteiro de obras – e sujeitos marcados pela disciplina, os quatro seguintes partem, direta ou indiretamente, do conceito de luta de classes para analisar estratégias de resistência dos trabalhadores aos imperativos do capital e da burguesia. Os sete trabalhos se unem pelas interseções entre os conceitos de *Trabalho, disciplina e resistências*.

O segundo eixo reúne seis artigos dedicados a discutir a relação entre *Trabalho e Educação Profissional*. São os seguintes: *Profissões e ofícios: as concepções acerca do trabalho e as instituições de ensino de ofícios na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul durante o século XIX*; *Do sistema russo de artes mecânicas à série metódica ocupacional: análise da gênese da aprendizagem sistemática no Ensino Industrial brasileiro (1868-1942)*; *Educação, trabalho e cidadania no início do século XX: a Universidade Popular de Piracicaba (1910-1921)*; *Ainda muito distante dos “países mais adiantados”*: a Europa nos discursos sobre a Educação Profissional no Brasil nos primórdios do século XX; *Educação profissional em rede: ações e sociabilidades dos intelectuais educadores do ensino técnico profissional brasileiro na primeira metade do século XX*; *Formação de professores e orientadores educacionais desenvolvida pela Comissão Brasileiro-Americana (CBAI) para o Ensino Industrial no Brasil (1946-1963)*.

Esses artigos indicam, como destaca Olivia Medeiros Neta, que o “campo da EP [Educação Profissional] vem se configurando a partir do eixo investigativo Educação e

Trabalho” (MEDEIROS NETA, 2016, p. 54), especialmente no âmbito dos Programas de Pós-graduação. As produções listadas mostram, igualmente, que as pesquisas voltadas à História da Educação Profissional não se limitam à compreensão de leis, regulamentos ou políticas públicas voltadas a esse campo – sem dúvida, relevantes, porém incapazes de explicar a realidade quando apartadas do elemento humano –, mas se preocupam em compreender as instituições educativas, seus sujeitos, interesses e a capacidade de mobilização gerada por algumas ideias e discursos.

Feita esta breve apresentação do que você, leitor(a), encontrará neste dossiê, nada mais nos resta, senão desejar uma ótima leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien*. Paris : Librairie Armand Colin, 1952.

ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. A configuração do campo da Educação Profissional no Brasil. In: *Holos*, [S. l.], v. 36, p. 50-55, 2016. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4947>. Acesso em: 8 maio 2023.